

## *Actuel Marx, n° 30: Les rapports sociaux de sexe*

de Annie Bidet-Mordrel & Jacques Bidet (orgs.)\*

### **Marxismo e feminismo: dimensões de um imprescindível diálogo**

por Renata Gonçalves\*\*

A revista francesa *Actuel Marx*, conhecida em determinado meio acadêmico-político brasileiro, deu uma importante contribuição ao diálogo entre o marxismo e o feminismo. Esta contribuição veio em dose dupla, pois este trigésimo número se apresenta como um aporte lateral aos debates da seção “Relações sociais e gênero” do *III Congresso Marx Internacional*, ocorrido em setembro de 2001, na Universidade de Paris X.

O título *relações sociais de sexo* chama a atenção para o fato de que apesar das inúmeras lutas e conquistas, as desigualdades entre homens e mulheres não cessaram. O capitalismo tem demonstrado agilidade para se apropriar das diferenças de sexo, de raça/etnia, de classe para se reproduzir. Mas como o marxismo lida com estas questões? Quais os limites e alcances do marxismo nas análises das relações de gênero? Como as questões relativas ao gênero podem ser colocadas dentro do marxismo? Como as relações de gênero se articulam com as relações de classe?

A *Actuel Marx* assumiu o desafio de confrontar diferentes abordagens analíticas para tentar investigar estas questões. Mantendo a vocação internacional da revista, recorreu a especialistas originários de múltiplas disciplinas e de diversas correntes de pensamento feminista. O ponto comum, exigido pela tradição crítica, foi considerar que a desigualdade não é um fato da natureza, mas um dado cultural e historicamente construído. As interpretações divergentes que decorrem daí, têm o mérito de tentar elucidar os pontos estratégicos da relação classe-gênero no que tange, por exemplo, à divisão sexual do trabalho ou à clivagem entre o espaço privado doméstico e o espaço público ou ainda à exclusão das mulheres da política.

A opção adotada por Annie Bidet-Mordrel e Jacques Bidet, ambos filósofos, organizadores deste número, foi de priorizar os debates filosóficos e políticos acerca das relações de gênero de maneira a atualizar seus pressupostos teóricos e seus laços com a obra de Marx e Engels. Só a apresentação feita pelos dois filósofos, já vale o volume. O diálogo estabelecido com as autoras é o tempo todo enriquecido por instigantes esclarecimentos conceituais do campo marxista procurando sempre “salientar os limites do possível uso do conceito marxiano de classe, inseparável de sua matriz analítica muito particular que é a sociedade de classe” (p. 19). O leitor é também contemplado com vasta bibliografia atualizada sobre o assunto; e, particularmente, o leitor brasileiro, familiarizado com as traduções da vertente anglo-saxônica, pode se surpreender com a imensa e

---

\* Paris: L'Harmattan, 2001.

\*\* Doutoranda em Ciências Sociais pela Unicamp e pesquisadora do NEILS.

profunda pesquisa desenvolvida por feministas francesas que, sobretudo a partir do início da década de 70, têm procurado examinar de perto a relação classe-gênero, correndo o risco muitas vezes de receber o rótulo de um feminismo “à francesa”, como se houvesse apenas possibilidade para um pensamento único.

Logo nas primeiras (e longas) páginas introdutórias, percebe-se que o que está em jogo é o marxismo e, mais ainda, que não se trata de medir o “feminismo” à luz do paradigma marxista, mas sim de fazer um esforço recíproco que consiste em analisar o uso que a literatura feminista faz das categorias classe, reprodução, etc., e o uso que a literatura marxista faz das categorias gênero, sexualidade, etc. na busca de ultrapassar justificativas, tais como a do “peso da tradição”, para sair do impasse e atualizar os laços entre os dois campos.

O mundo capitalista é apresentado como um turbilhão com seu sistema de Estados-nações, com centros dominando as periferias, com afirmações nacionalistas, violências racistas, colonialismos e onde todas as determinações de classe, de raça, de sexo se sobrepõem umas às outras. “Estas se espalham na complexidade das instituições econômicas, políticas e culturais que transforma constantemente o desenvolvimento das forças produtivas-destrutivas cada vez mais mundializado” (p. 32). E, nesta perspectiva, as lutas sociais adotam, outras formas que a clássica “luta de classes”.

A dezena de artigos que compõem esta *Actuel Marx* se aloca em dois eixos. Um trata dos temas “dominação, lutas, discursos e construção da subjetividade”. Outro se volta para as “relações sociais de sexo e as relações de produção”. Enquanto num eixo é o “sujeito das lutas” que emerge da crítica ao Sujeito universal, no outro são as produção e reprodução que aparecem como ponto nodal da análise. O que se procura não perder de vista são os complexos fios que tecem a relação classe-gênero. Frigga Haug retoma a crítica da abordagem de Marx e Engels que, para ela, cometem o erro de não conceber as relações entre homens e mulheres como relações sociais e propõe uma crítica à noção de relações de produção a partir das contribuições de Althusser e Gramsci. A questão da instrumentalização do corpo feminino é tratada no artigo que Paola Tabet intitula “grande fraude” que consiste na (im)possibilidade das mulheres expressarem seu próprio desejo (p. 142). A submissão ao desejo do homem torna a sexualidade das mulheres um simples serviço, pago ou gratuito. Françoise Collin, a propósito de como abolir a desigualdade, retoma uma reflexão filosófica sobre a (in)diferença como substituto do universalismo que mascara a dominação.

O debate fica tenso quando a questão é o pós-modernismo. Enquanto para Chantal Mouffe uma política feminista deveria considerar a diversidade dos jogos da linguagem através dos quais os sujeitos se identificam (p.182), para Catharine Mackinnon, este pós-modernismo feminista, em nome das diferenças, acaba reforçando o liberalismo econômico. Martha Gimenez, por sua vez, observa que “a própria idéia de uma opressão das mulheres e de lutas para sua liberação pressupõe a realidade material de sua condição assim como a validade de suas reivindicações, noções incompatíveis com as teorias que pretendem que tudo é relativo e construção discursiva” (p. 64). Nancy Fraser numa tentativa de unir o antigo e o novo, analisa, de um lado, a virada que houve no movimento feminista dos anos 70, quando prevalecia a idéia de luta contra a injustiça econômica, e, de

outro lado, a reivindicação atual que gira em torno de um reconhecimento. Os dois pontos estão ligados: não há reconhecimento sem paridade econômica.

A alusão à obra de Engels está presente no artigo de Judith Butler que estabelece um laço estreito entre família, capitalismo e heterossexualidade. Muito mais que um fenômeno puramente “cultural”, este laço estabelece a regulação normativa da sexualidade. Se produção e reprodução da vida imediata são próprios ao funcionamento da economia política, “como é possível não ver a que ponto a homofobia está no coração da economia política?” (p. 212). Danièle Kergoat dá ao trabalho o centro de sua reflexão. Pelo trabalho há a “produção do viver” numa dupla dimensão: coletiva, que inclui o trabalho profissional e o doméstico; e individual, onde o trabalho é tido como transformação de si (p. 88). Mostra de maneira luminosa como a luta das mulheres se inscreve na articulação das relações sociais de sexo e de classe, mas não pode se reduzir a esta.

De maneira geral, observa-se que as dimensões da relação classe-gênero que se pretende abordar neste número, muitas vezes ficam no terreno da abstração. Quando se evoca a classe, há uma proeminência em esquecer o que se propunha evidenciar: a classe tem dois sexos, várias raças/etnia. O mesmo ocorre no que diz respeito à questão de gênero. Neste caso, é o corte de classe que fica vago. Se, de um lado, conquistas como uma creche – para dar apenas uma ilustração – podem beneficiar a quase todas as mulheres, de outro, no entanto, deixam obscurecidos os pólos da relação de classe. No Brasil, por exemplo, o fato da existência de uma creche torna possível a uma mulher deixar seu filho para ir trabalhar como empregada doméstica para (e cuidar dos filhos de) uma outra mulher.

Apesar das limitações, compreensíveis quando se trata de avançar num debate complexo, esta *Actuel Marx* é um desafio nos quais muitos querem, senão apostar, pelo menos saber do que se trata. Afinal, lançada no final de 2001, encontra-se completamente esgotada! Uma razão a mais para sugerir a tradução deste e de outros trabalhos para leitores de língua portuguesa que buscam referências teóricas para avançar no imprescindível diálogo entre o feminismo e o marxismo.